



XIX ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR
Blumenau - SC - Brasil

O SENTIDO DA IMANÊNCIA NA PESQUISA DE ANA CLARA TORRES RIBEIRO

Tamara |Tania Cohen Egler (Instituto de Pesquisa e Planejamento Urb) - tamaraegler@gmail.com

Tamara Tania Egler é professora titular do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, IPPUR/UFRJ. Coordenadora do Laboratório Estado, Sociedade, Tecnologia e Espaço, pesquisador 1B do CNPQ, coordenado

O sentido da imanência na pesquisa de Ana Clara Torres Ribeiro

Ana Clara Torres Ribeiro tinha uma capacidade única de estruturar o pensamento, para analisar a crise societária, nos diferentes contextos históricos. De inteligência brilhante construiu um método original de leitura das práticas no espaço, na qual e valoriza o lugar da experiência na existência, e a importância da estrutura de valores na superação da crise. Sua produção acadêmica e inequívoca, esse é o objetivo do nosso artigo, destacar a sua contribuição aos estudos da ação social no espaço, que ela desenvolveu ao longo de 30 anos como professora e pesquisadora do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro – IPPUR/UFRJ.

Pensar a contribuição de Ana Clara é, em primeiro lugar, levar em conta a complexidade do seu pensamento e a perspectiva interdisciplinar que sempre a norteou. Esse ponto de partida é fundamental para que possamos compreender os estudos que ela desenvolveu sobre os processos que conformam o espaço social no mundo. Sua inestimável contribuição pode ser sintetizada na expressão “imanência do espaço social”, quer dizer o poder dos atores sociais na construção da existência no espaço.

Educada para ser concertista – estudou piano desde cedo –, Ana Clara, ao chegar no momento de escolher que caminho seguir na universidade, decidiu cursar sociologia. Apesar dessa inflexão, sabemos como foi crucial em sua trajetória intelectual o aproveitamento do método e do ritmo aprendidos em sua formação musical. Com efeito, o emprego das ferramentas trazidas da música na análise da ação social permitiu-lhe avançar no estudo do espaço, focado sob a ótica necessária da multidisciplinaridade, da interdisciplinaridade e da interação conceitual. O método que desenvolveu para fazer a sua análise do espaço incorpora o ritmo, as necessárias pausas, os compassos, as relações entre as notas, a singularidade, os vínculos que formam uma totalidade. Essa construção, esse recurso analítico, pode ser aplicada a diferentes objetos do conhecimento, o que lhe possibilitou traçar os fios invisíveis da melodia que escreveu (Ribeiro, 2011).

O método pode ser entendido como um conjunto de operações mentais que constroem o objeto do conhecimento, alimentado pelo diálogo estabelecido com os autores do campo na produção de uma análise criativa. Interno ao sujeito, ele é passível de ser aplicado a qualquer objeto no campo dos estudos espaciais. Pode ser lido nas relações que se definem entre sujeito e

objeto do conhecimento, nos processos e procedimentos necessários ao desenvolvimento da pesquisa focada na existência.

Método é diferente de objeto. É preciso termos em mente que o problema da pesquisa não é temático, mas está associado à nossa capacidade de subjetivar e aplicar as categorias da teoria do conhecimento. Professora da disciplina “Métodos e Técnicas de Pesquisa”, Ana Clara procurava familiarizar seus alunos com as categorias e os conceitos da teoria do conhecimento, de modo a virem a ser aplicados adequadamente em seus respectivos objetos de pesquisa. Era preciso que eles tivessem domínio do método, condição *sine qua non* para ampliar a capacidade de pensar e de fazer pesquisa, em suma, para fazer avançar o campo dos estudos espaciais.

No seu memorial, “Ação, técnica e espaço: por uma sociologia do presente”, posteriormente publicado em livro (RIBEIRO, 2012), Ana Clara percorre os sessenta e oito (68) principais artigos que havia publicado, quando ficam evidentes os importantes desdobramentos analíticos presentes em sua obra. A totalidade do movimento analítico que a conduziu reforça nossa convicção de que ela nunca deixou de dirigir seu foco para a ação social imanente e transformadora do espaço, desde o trabalho informal até a cultura que encarna a estrutura de valores de uma determinada sociedade, passando pela ação dos movimentos sociais urbanos.

Já no título de sua dissertação de mestrado, *Trabalho urbano: biscate e biscateiros* (Ribeiro, 1977), podemos observar o método que se anuncia, quando ela define atores, processo e fatos para identificar aquilo que se quer examinar. Em *Biscates e biscateiros*, Ana Clara discorre sobre as condições de vida e trabalho dos trabalhadores informais na cidade, objeto que contribui decisivamente para o desenho deste campo de estudo, no contexto histórico e epistemológico do avanço das relações capitalistas no Brasil.

Na década de 1980, Ana Clara coordenou o GT Movimento Sociais Urbanos, na Anpocs, de importância fundamental para o avanço da pesquisa neste campo, e que se espalhou para outras áreas de estudo – saúde, educação, geografia e história. Nesses anos, ela promoveu um deslocamento do ponto de observação, passando a examinar a dimensão política e a resistência social do espaço. No artigo “Movimentos sociais, caminhos para a defesa de uma temática, ou os desafios dos anos 90” (Ribeiro, 1991), amplia o seu objeto, incorporando à sua investigação a dimensão da política no contexto do processo de redemocratização do país. Além disso, faz um balanço do percurso trilhado pelo GT e lança um alerta para o futuro. Ela

percebia claramente que os movimentos sociais haviam proposto uma ruptura com a democracia formal, e que representavam uma renovação do modelo político. Seu propósito era engendrar um projeto político de preservação das conquistas democráticas, mirando um horizonte socialista que valorizasse as especificidades culturais do país.

Sua proposta fundamenta-se na criação de categorias analíticas, para destacar a importância do processo em contraposição à estrutura, e na consideração dos sujeitos sociais e da consciência de seus atos. Não menos importante é a sua compreensão dos valores sociais da cultura como elementos que integram a ação social. Em sua análise, Ana Clara valoriza a pluralidade da resistência social, que se faz presente nas múltiplas faces do tecido social. Essa multiplicidade guarda estreita relação com as articulações desenhadas pela consciência coletiva, pela cultura e pelas redes sociais, quando elas se propõem a examinar os diferentes caminhos da resistência à opressão, nos diferentes contextos históricos, para examinar seu lugar na construção de uma consciência coletiva. Preocupada com o futuro, alerta para os riscos da institucionalização dos movimentos sociais trazida pela Constituição de 1988, que induz à cooptação e ao populismo, e coloca em discussão como a redemocratização introduz mudanças na leitura das oportunidades sociais (Ribeiro, 1999).

O olhar que dirige à sociedade visa a reconhecer a conformação das identidades sociais e da cultura. Os movimentos sociais, bem como sua vinculação ao processo de democratização das relações sociais para que passem a fazer parte do tecido social, ocupam um lugar central em sua análise. A importância dos movimentos sociais deve ser lida na verticalidade e na horizontalidade do exercício do poder de transformação. Reconhecendo nos movimentos sociais um poder imanente, horizontal, que emana de baixo para cima, ela orquestrava uma ampla rede de pesquisadores dedicados a essa modalidade de análise. Assim são reveladas as suas múltiplas dimensões e reconhecidos importantes conceitos e categorias, como paradigma, encantamento, resistências, insurgências, existência e complexidade que formam uma família de categorias e conceitos para analisar a ação social no processo de transformação do espaço.

Na sua tese de doutoramento *Rio-metrópole: a produção social da imagem urbana* (Ribeiro, 1989), Ana Clara amplia uma vez mais o raio da sua pesquisa, examinando a influência do marketing nos processos de comunicação e na criação de personas e imagens-síntese. Analisa a tensão entre imaginário e experiência, observa a alteração dos processos de dominação,

reconhece novos atores na complexidade do espaço, que substituem lideranças e projetos políticos na dinâmica da esfera pública e na formação da subjetividade coletiva. Destaca o surgimento de novos ativismos nos contextos metropolitanos, em que a importância do marketing, transforma o contexto histórico e promove a transformação da teoria, colocando a cultura como a estrutura de valores que conduz a ação social.

Sua obra vai crescendo para além dos movimentos sociais. Sua análise estende-se, abrangendo as relações entre as estruturas simbólicas e as práticas políticas, entre a imagem e o espaço, e entre o pensar e o agir, e adentrando na dimensão da cultura presente nos processos espaciais. A importância da cultura emerge como o pensamento coletivo que antecede a ação política. O pensamento antecede e sucede a ação social.

Esse enfoque remete à intensificação do intercâmbio entre movimentos sociais e movimentos culturais, por um lado, e à valorização das teorias da cultura como ambiência teórica abrangente da análise dos movimentos sociais, por outro. Ao colocar o capital simbólico no centro das relações sociedade-espaço, essa perspectiva estimula a elaboração do conceito de microconjuntura e os avanços analíticos associados a ações espontâneas e a permanências e cristalizações espaciais e culturais na vida urbana (Ribeiro, 2001).

Os desdobramentos de sua tese de doutorado, focada no processo de globalização, examina as condições de existência social nesse contexto histórico específico. Para isso, estuda as firmas, os órgãos de governo e as entidades da sociedade civil, no intuito de entender o processo de racionalização dos vínculos sociais, mediante a conexão entre capital financeiro, cultura urbana e tecido social. O avanço da sua pesquisa centra suas atenções nos processos de globalização, objeto do artigo *Impulsos globais e espaço urbano: sobre o novo economicismo*, escrito em parceria com Cátia Antônia da Silva (Ribeiro & Silva, 2005). Nesse texto, a partir de um diálogo com as ciências exatas, elas sugerem novos conceitos, como *eventos*, *vetores*, *atratores*, *impulsos globais*, com os quais empreendem a difícil tarefa de atribuir significado ao que é essencial no processo de globalização.

Para contrapor a hegemonia da globalização, observada na estetização do espaço urbano e na promoção de lugares luxuosos, como hotéis e *shopping centers*, que promovem o espetáculo urbano, Ana Clara vão buscar, na América Latina, o mercado que faz o registro das formas culturais originárias da tradição, advindas das práticas ancestrais dos lugares e que se somam aos elementos que definem o direito à cidade. Quando publica *Oriente negado: cultura*,

mercado e lugar, no lugar do discurso e da imagem, propõem os fluxos de pessoas e mercadorias, de modo que a leitura da cultura possa ser vinculada ao mercado. Assim, são valorizadas as características mais íntimas e profundas das tradições conformadoras das práticas derivadas dos processos de trocas de mercadorias, que são produzidas nos lugares para a manutenção da existência (Ribeiro, 2004).

Nesse mercado, onde estão unidos cultura e lugar, reúnem-se práticas criativas que definem a vida no lugar. A valorização da cultura e do mercado pode fazer emergir formas de realização da economia menos excludentes, menos competitivas e menos desapropriadoras de territórios e bagagens culturais. Estamos diante de uma resistência que se contrapõe à violência, ao racismo e à destruição da nação, orquestradas pelo avanço da globalização e do seu agir hegemônico (Ribeiro, 2004).

No seu incansável trabalho em diferentes grupos acadêmicos, merece destaque o GT Desenvolvimento Urbano, da Clacso, que reuniu importantes pesquisadores da América Latina, entre 1999 e 2009. Ana Clara estabeleceu um amplo diálogo nesse GT, abrindo um espaço de interlocução entre as pesquisas em desenvolvimento, acerca das características da implantação do modelo hegemônico da globalização nas grandes cidades latino-americanas, que reinventam as possibilidades de associação de atores econômicos, políticos e sociais.

Ana Clara era a maestra que desafiava o GT Desenvolvimento Urbano a produzir conhecimento a partir das formas complexas da atualidade globalizada, no contexto histórico em que as relações de poder no espaço-mundo se redefiniam. Os debates travados no interior do grupo estavam associados às formas urbanas construídas pela experiência popular, aos novos conteúdos das lutas sociais, às resistências culturais, às formas alternativas de resistência social proporcionadas pelas TICs, às conquistas institucionais alcançadas pela organização social e pela expressão política das carências coletivas (RIBEIRO, 2005).

No texto *Por uma cartografia da ação: pequeno ensaio de método* (Ribeiro, 2001), ela aponta para a necessidade de formas alternativas de representação da situação social, que permitissem reconhecer contextos e lugares, táticas e aprendizados práticos, temporalidade e sentidos da ação. Para tal, propõe uma cartografia da ação que estimule análises ágeis da conjuntura, apoiadas em sintomas e vestígios de presenças sociais. Tal cartografia visa à superação do produtivismo e do objetivismo nas representações de práticas espaciais e

propõem pensar no território praticado, para favorecer uma leitura dinâmica do tecido social. A proposta tem por objetivo reconhecer as novas formas de reivindicação e protesto, passíveis de serem concebidas na geografia do espaço, no sentido de representar a ação social no lugar e no território.

Nesse diálogo com a geografia, de um lado, e com a sociologia, de outro, Ana Clara amplia a fronteira de interlocução com a primeira e inclui na segunda a necessidade de se reconhecer as especificidades do processo espacial e suas determinações com a ciência social. Trata-se de representar novos usos da cartografia da ação, através de sua associação a desenhos, mapas mentais, grupos focais e trajetos temáticos.

A proposta metodológica da cartografia da ação social é aquela capaz de representar atores, vínculos, narrativas e formação de consensos e dissensos. Daí a importância da interdisciplinaridade entre geografia e sociologia, que ela indica como um dos princípios do método dos estudos espaciais. Para fazer o enfretamento com a hegemonia do poder da globalização, Ana Clara propõe a resistência, que não pode ser ancorada apenas no economicismo, que busca as condições de igualdade econômica; é preciso, também, resistir às práticas das grandes corporações. Por conseguinte, é de importância crucial combater as narrativas fictícias, denunciando os seus sentidos, e gerar e difundir ideários socialmente justos, que derivam da ação social (Ribeiro, 2001).

A representação das práticas sociais traz à cena política identidades culturais e confere maior visibilidade a sujeitos sociais e à sua presença nas formações sociais latino-americanas. O reconhecimento das transformações em curso no tecido social visa à radicalização da democracia. Diz respeito à produção de uma imagem da ação coletiva no espaço público, capaz de se contrapor à imagem hegemônica do neoliberalismo e à sua dominação política sobre o mundo.

Isso redefine a relação entre estrutura e conjuntura. Trata-se, em outras palavras, de uma ação que contrapõe relações estruturais e relações conjunturais que emergem de baixo para cima, do lugar para o campo político, e conduz a luta pelo resgate de memórias, raízes e identidades culturais. Para que isso ocorra, impõe-se como necessário ampliar a episteme das ciências sociais através de diálogo com os múltiplos *outros* que reconstróem a experiência social. É um posicionamento analítico entre conjuntura e estrutura, entre sujeitos sociais e atores políticos.

Assim, na cartografia da ação, adquirem especial relevância os espaços praticados, os espaços usados e a geografia da resistência social (Ribeiro, 2001).

Na sua interlocução com Milton Santos, Ana Clara considera que o território possa vir a constituir uma categoria de análise dentro das ciências sociais e, com vistas à produção de projetos – isto é, com vistas à política –, deve ser tratado como território usado. Na concepção da cartografia da ação, ela propõe a categoria território praticado, aquele território produzido pelas práticas políticas da ação social no espaço, e que está presente no noticiário relativo a protestos, revoltas, passeatas, ocupações de terras e prédios públicos, comícios, acampamentos, interrupções de vias, greves, confrontos e reivindicações. Todas essas ações precisam ser consideradas de forma plena, isto é, através do exame atento da sua singularidade e dos seus objetivos, da análise detalhada dos atores sociais e políticos, dos mediadores, e, também das formas de repressão sofridas pelos manifestantes (Ribeiro, 2001).

Essas informações viabilizam a concepção de mapas que não apenas expressam a vitalidade do tecido social, como também refletem as microconjunturas. O registro analítico dessas informações contraria: (a) as formas de classificação da informação utilizadas pelos veículos de comunicação; (b) a incoerência e a fugacidade com que, em geral, a ação social é tratada; (c) o ocultamento do esforço realizado por sujeitos sociais para garantir a sua presença no espaço público; e (d) a tendência ao esquecimento da repressão e de seus agentes (Ribeiro, 2012).

Para manter viva a resistência social, para ela não cair no esquecimento, torna-se necessário fazer as fotografias em diferentes contextos históricos. Produz-se, assim, memória, e o recurso à memória representa um apoio à narrativa, impossibilitando o esquecimento dos praticantes do espaço e contrariando, assim, as tendências à cristalização fotográfica da ação social. Ana Clara discorre sobre o fato de o esquecimento da ação ter sido responsável pelo atraso, e pela surpresa, com que as ciências sociais reconhecem as mutações no tecido social. De fato, privilegia-se o mapeamento da riqueza e dos recursos, assim como o registro dos usos dominantes e político-administrativos do território. O poder, afirma, tende a representar a realidade social e física numa escala escolhida pela sua virtualidade, no intuito, precisamente, de criar os fenômenos que maximizam as condições de sua reprodução. A representação/distorção da realidade é um pressuposto do exercício do poder. E nunca é demais acrescentar, informa ela, que são as grandes organizações que, em geral, controlam a cartografia (Ribeiro, 2012).

Para isso, há que se identificar os contextos sociais que a abrigam e que permitem os sujeitos da ação. Nessa perspectiva, Ana Clara amplia a sua família de categorias e conceitos que dão significado. Quando se atribui o significado, capacita-se a análise, que passa a levar em conta a contribuição relevante dos vínculos sociais, dos saberes, da solidariedade, do aprendizado informal, do compartilhamento de bandeiras de luta, da apropriação de recursos materiais e imateriais, entre outros (Ribeiro, 2012).

Não menos importante é destacar o lugar da técnica na construção do espaço. O reconhecimento da técnica revela a importância da experiência urbana, apreendida como um contínuo embate entre sistematicidades efetivadas ou potenciais, movidas por diferentes formas de comunicação, linguagens, táticas e recursos de poder.

Ao mesmo tempo, sublinha a criatividade nas lutas urbanas, relacionada à conquista de visibilidade e legitimidade. A experiência de novos interclassismos – envolvendo profissionais da área da comunicação e artistas – marca um momento histórico que transforma a conjuntura e redefine a análise, identificando atores, processos e fatos do objeto (Ribeiro, 2012).

Sua análise – construída a partir de diferentes problemáticas, encadeadas em um constructo lógico, no qual cada passo antecede/sucedo o passo anterior – tem uma articulação de um pensamento analítico que permite formar uma totalidade que visibiliza a ação social no espaço. Ela reconhece a importância da estrutura de valores que definem uma determinada sociedade e que subjetivam uma forma coletiva de pensar anterior à ação política. Por conseguinte, a importância da imagem na estratégia de dominação global remete à análise do processo de globalização para o qual Ana Clara propõe categorias e conceitos que dão significado às suas práticas hegemônicas de dominação política. Nesse sentido, a cartografia da ação deve ser entendida como um anteparo às narrativas hegemônicas, uma vez que é capaz de produzir uma resistência social.

É genial! O percurso que nós realizamos nos artigos revela que não em linearidade. A sua análise está construída a partir de desdobramentos analíticos que se relacionam e se associam numa ordem lógica do pensamento. A sua pesquisa é um constructo que busca uma totalidade analítica em defesa da viabilização dos agentes sociais. Esses agentes produzem a cultura, que, ao criar valores, antecipa a ação política de resistência à imagem hegemônica que responde pelos interesses da globalização. Sua metodologia consiste em recortar e

contextualizar as principais questões, identificando o movimento dos atores, os processos e os fatos que configuram as especificidades de cada contexto histórico. E sua análise é empreendida a partir da invenção de categorias e conceitos capazes de atribuir significado às múltiplas determinações da complexidade espacial, lida através da ação imanente dos sujeitos da ação.

É uma pesquisa que produz os fios condutores de uma teoria do espaço socialmente necessária e que pode contrapor, ao ideário global, uma forma de existência que emana do lugar. Com efeito, a ação do sujeito corporificado revela a presença popular na história da grande cidade e a criatividade dos saberes produzidos para a sua sobrevivência. O percurso que trilhamos na obra da Ana Clara autoriza-nos a afirmar que estamos, sem dúvida alguma, diante de uma enorme contribuição, aquela que produziu uma teoria da ação imanente no espaço.

Referências

RIBEIRO, Ana Clara Torres. *Trabalho urbano: biscate e biscateiros*. Dissertação (Mestre em Sociologia) – Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, IUPERJ, Rio de Janeiro, 1977.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. *Rio-metrópole: a produção social da imagem urbana*. Tese (Doutorado em Sociologia) – Departamento de Sociologia/Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas/ Universidade de São Paulo, São Paulo, 1988.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. Movimentos sociais: caminhos para a defesa de uma temática, ou os desafios dos anos 90. In *Ciências sociais hoje, 1991: sociologia rural, relações de gênero, estruturas familiares, movimentos sociais, ecologia e cidadania, biologia e ciência política, identidade e sincretismo, empresas transnacionais, cultura de empresa, políticas sociais*. São Paulo: Vértice/ANPOCS, 1991, p. 95-121.

RIBEIRO, Ana Clara Torres; BARRETO, Amélia Rosa Sá; LOURENÇO, Alice; MAUL, Laura de Carvalho Costa; AMARAL, Luis César Peruci. Por uma cartografia da ação: pequeno ensaio de método. *Cadernos IPPUR/UFRJ (ACSERALD, Henri (ed.). Planejamento e território: ensaio sobre a desigualdade)*. Ano XV, n. 2, ago./dez. 2001, p. 149-171.

RIBEIRO, Ana Clara Torres; SILVA, Cátia Antonia da. Impulsos globais e espaço urbano: sobre o novo economicismo. In RIBEIRO, Ana Clara Torres. *O rosto urbano da América Latina*. Buenos Aires: Consejo Latino-americano de Ciencias Sociales - Clacso, 2004, p. 347-371.

RIBEIRO, Ana Clara Torres, Oriente negado: cultura, mercado e lugar. *Cadernos PPG-AU/UFBA*, FAU-UFBA, Salvador, ano 2, n. especial (Territórios urbanos e políticas culturais), 2004, p. 97-107.

RIBEIRO, Ana Clara Torres, *Sociologia do presente: ação, técnica e espaço*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2012.